

Não esqueças o que nunca esqueces

Aquele dia nasceu carregado de estranho nevoeiro, denso e cinzento. Não havia geada. Mas o frio era muito e desagradável. As ruas estavam quase desertas. Apenas circulavam as pessoas que tinham alguma compra de última hora, na centenária mercearia. Das pequenas chaminés saía para o ar um fumo branco, como que lavando o cinzento nevoeiro. Depressa chegou a noite, acompanhada de neve que caía como pétalas desprendidas das nuvens escondidas por detrás do céu vestido de forte escuridão.

Chegaram carros com pessoas da aldeia a viver nas grandes cidades ou mesmo no estrangeiro, que cumpriam a tradição de passar o Natal com os familiares. Desta forma, a aldeia como que despertou, tornando menos fria a neve que não parava de cair. No ar, empurrado pelo vento leve, espalhava-se o cheiro a rabanadas e filhós, fritas no azeite puro que alguns dos habitantes ainda produziam segundo as tradições seculares.

No extremo da aldeia, numa casa isolada, sem luz elétrica, um casal também preparava a ceia de Natal. Sobre esta casa, as pessoas mais idosas contavam uma história sobre um galo, criado com todo o esmero pelo pároco local para ser servido na consoada. O padre não era grande apreciador de bacalhau, pelo que se dava ao cuidado de criar um bom galo para aquela noite santa, a véspera de Natal.

Um certo ano, uma família enfrentava grandes dificuldades. Os tempos eram difíceis, pois havia pouco trabalho. Vivia precisamente nesta casa. Tinham o apelido de “brasileiros”. Marido e esposa andavam muito aflitos com a aproximação do Natal. Bem queriam dar aos filhos uma ceia de Natal um pouco diferente, dado que os

PRETO E PELUDO

Estamos na quadra natalícia e faltam apenas dois dias para a véspera de natal.

Este é um tempo que se reveste de lembranças e significados natalinos. Há um correr de afazeres que invadem o tempo em graça e alegria.

É o desencaxotar de decorações repletas de recordações, e o revestir a casa de cores tradicionais da época natalícia.

Foi dentro de toda esta azáfama que ao sair de casa para o quintal, em busca dos caixotes de enfeites guardados na garagem, que vejo o Tic Tac, quase minúsculo, dentro de uma pequena caixa de papelão junto à escada. Foi uma mistura de emoções ao redor daquele tempo solarengo mas frio, tão característico de Dezembro.

Não pensei duas vezes e levei o Tic Tac para dentro, sem saber exactamente ao que me estava a propor. Mas o meu coração falou mais forte ao sentir um tic tac acelerado na minha pequena mão.

Depois de quente, o Tic Tac corria sem parar e só me dava canseira.

Zanguei-me!

O tempo corria demasiado rápido e o Tic Tac não me dava tréguas.

Era preto como a noite, pequeno como uma formiga, mas corria veloz como uma gazela.

Chamei-o com meiguice:

- Tic Tac, não me fujas, não te escondas, não me faças perder tempo, pois ele é precioso e eu só te quero acariciar. Tic Tac por favor, pára. Mas o Tic Tac não tinha percepção das suas acções, nem nunca tinha ouvido tal nome.

Finalmente apanhei-o pendurado na árvore de natal ainda vazia de adornos. Banhei-o e perfumei-o. Fiz-lhe uma coleira verde com uma grande flor vermelha em tricô

uma poesia na tarde de consoada

eu estava num campo cheio de flores, daquelas amarelas, que crescem livremente nos campos. e de facto eu estava com um coração livre. este campo cheio de flores amarelas, que crescem livremente nos campos, situava-se num planeta a que todos chamamos terra. e vi-te muito longe. sabes onde? irias lá saber! quase numa outra galáxia, bem pertinho. em plutão. conheces? então, vê lá!, peguei numa picareta, que guardei no bolso, fiquei sem telemóvel, mas não me importei, meti-me numa nave, daquelas que agora são rápidas. e segui em direcção a plutão. é que eu tinha visto por entre as montanhas de plutão os teus cabelos. quando lá cheguei, as montanhas eram muito altas. mas mesmo muito. não desisti! comecei a cavar, vê lá, uma película de gelo, mas aquilo já não era película, nunca tinha visto coisa assim. pensei como era que também lá andavas. não consegui. olhei para cima, para baixo, para o lado esquerdo, para o lado direito. lembrei-me do campo das flores amarelas, que crescem livremente nos campos. ainda, fiz uma segunda tentativa,

É NATAL

O sobretudo em lã cor cinza cobre-lhe o corpo até meio da barriga da perna. A cabeça está protegida por um chapéu de feltro. O charuto que fuma aquece-lhe a mão direita protegida por luva de couro macio. Caminha vagaroso contrariando o vento frio que o avança. Com o chapéu bem enterrado na cabeça, expelindo bofaras de fumo, resiste a uma pressa que o empurra, uma pressa que chega em forma de vento. Nem desdém nem indiferença, apenas a certeza da sua segurança. O melhor é andar calado e jogar a palavra na hora certa. Quem se cala nunca se contradiz e ganha espaço para se afirmar a seguir. Na afirmação está o ganho. O sopro esguio do vento pouco o aborrece. Um nada que lhe bate no sobretudo e transmite leveza aos passos. Cruza-se com outros transeuntes, alguns ultrapassam-no. Olham aquela figura corpulenta. Ele deixa, nem repara, pouco lhe importa. A noite aproxima-se e as luzes acendem-se. Desperdício pensa. Entra na loja. Ali está o que lhe oferecem. Alguém que ele sabe oferece-lhe valor. Tira o chapéu e pede licença para continuar a fumar. É-lhe concedida. Aquela senhora olha-o contrariada. Percebe. Com educação sai da loja e apaga o charuto. Reentra. É-lhe entregue a caixa esmerada em fino papel de embrulho, com um laço discreto, de muito bom gosto. O dono da loja inclina-se aquando da entrega. Retira a luva. Cumprimentam-se. Nova inclinação. Antes de abandonar a loja, abotoa o sobretudo até ao pescoço sobrepondo a gola esquerda sobre a direita. O chapéu de feltro de novo seguro na cabeça. Agora, é ele que se inclina a rasgar o vento que

*Trajes novos a rigor
Mesas fartas tradição
Desabafos partilha
União sempre festiva*

*Natal Natais
este outros sem demais
Ser Natal
É ser presente
Jamais longe
de outros tantos que tais*

Foi esta a mensagem que Madalena, carinhosamente, arrumou em envelopes coloridos e colocou sobre os pratos de cada um dos presentes na mesa de Natal daquele ano. Gostaria de ter sido capaz de, através do poema, “tocar” a alma de cada um, partilhar com eles o seu sentir do *Natal, Natais...*

Por causa do poema, ou não, o que é certo é que a noite, que receava mais triste do que o habitual nesse ano, foi particularmente mágica. Cada um, no seu silêncio, guardou em si a mensagem do poema e apenas o comentou com os olhos e com as atitudes. A mãe, essa, não iria lê-lo, nem sequer perceberia de que se tratava... Pena, muita pena! A vida...

Madalena é, ou diz-se, agnóstica. Não nega, apenas questiona. São velhas memórias da adolescência, quando naquele dia longínquo abordara um padre com uma dúvida própria dos seus doze anos: “Como é possível Nossa Senhora ter concebido um filho, sem...?”. “São dogmas minha filha!” Assim, a seco, sem sensibilidade, sem bom senso. Ela nem sabia exactamente o que significava a palavra *dogma*, mas foi procurar no dicionário. Ficou plenamente esclarecida, e, obviamente, mais céptica ainda

A PRENDINHA DE NATAL

Sentada em frente ao fogão de lenha, pois as noites frias do início de Novembro não permitiam outra coisa, D. Eva percorria em pensamento a distância que a separava daquele país longínquo, onde o seu filho Carlos se encontrava.

Viúva e só com aquele filho, D. Eva não conseguia arranjar motivos para preencher tão triste solidão.

Após a morte do pai, ocorrida num acidente de viação, Carlos interrompeu os estudos para ajudar economicamente a mãe que ficou sem recursos financeiros, em virtude de ser o marido desta, o único a ganhar naquela família.

Depois de ter procurado emprego em vários sítios sem nenhum sucesso, resolveu emigrar. A separação foi muito difícil para ambos, mas a esperança de poderem vir a ter um futuro melhor, deu-lhes coragem para enfrentarem a situação.

Os dias foram passando e Carlos foi-se apercebendo que não iria ser fácil arranjar trabalho. O pouco dinheiro que levava, estava quase a acabar e não era difícil prever as dificuldades que o esperavam. O mais doloroso era pensar nas necessidades da mãe, sem que pudesse aliviá-las.

D. Eva ia sobrevivendo com o que cultivava no seu pequeno quintal e a ajuda que a Conferência Vicentina lhe prestava.

Finalmente, Carlos conseguiu encontrar um pequeno trabalho, que apenas dava para o alojamento e uma alimentação bastante frugal. Sempre era melhor do que nada!...

Para D. Eva, os dias iam passando muito lentamente e só

Um Natal Rural

Era véspera de Natal. O dia amanhecera sereno, mas enganoso. O sol tinha espreitado com uns longos raios amarelados, muito preguiçosos que depressa se retraíam melancólicos. O que esperar naquele dia vinte e quatro de Dezembro?

Cadenciada como música de embalar, uma teimosa chuva miudinha começara a cair. A custo, a senhora Laurinda movia os tamancos gastos na íngreme ladeira incerta, enlameada e pegajosa. Sobre a cabeça, apoiada na rodilha que fizera com um trapo velho da camisa do senhor António Maria, equilibrava com maestria uma grande bacia de zinco com roupa acabada de lavar no tanque da fonte.

- Que tempo! Ainda de manhã parecia vir sol, e olhe só para isto! – Assim falou à senhora Olinda, com quem se cruzou.

- Pode ser que logo melhore! - Respondeu a mulher enquanto aconchegava o capuz de serapilheira suja, áspera e tesa, com que tentava proteger-se. - Vou buscar alguma coisinha para as minhas ovelhas. Estão desesperadas no curral. “*Mé!... Mé!...*” Faz dó ouvi-las.

E lá foi andando até desaparecer na curva do caminho. Logo a seguir, deu de caras com a jovem Suzete, bem constituída, e sempre com ar despreocupado.

- Onde vai com este tempo, mulher de Deus? Deixe lá as ovelhas, criatura! Não é por um dia que morrem!

Sempre a caminhar em direção ao campo, a mulher não respondeu. *Pois é! Pensa que tenho vida de costureira, como a vizinha dela* - ia discorrendo, ao ouvir a voz límpida da melhor costureirinha de Real.

O desejo de Natal

Chegou o Advento e na aldeia do menino João, a alegria começou.

Todas as pessoas saíam à rua com um sorriso na cara, as crianças estavam desejosas que o Natal chegasse. Todos menos um, que o dia de Natal era apenas um dia como os outros. Esse menino chamava-se João e tinha sete anos. Ele vivia com os seus pais (que estavam os dois desempregados) numa casa muito pobre, onde o dinheiro faltava, e muitas vezes não tinham que o que comer.

A casa tinha um telhado quase a cair, não tinha camas e o menino João e os pais comiam no chão.

Até que um dia, estava o menino João sentado no banco do parque a brincar com o seu io-iô (que tinha sido oferecido pelo seu avô), quando ouviu uma voz que disse:

- Pensa no teu maior desejo de Natal e escreve-o numa carta, e mete-a no buraco desta árvore.

O menino João olhou e volta e não viu ninguém. À noite, pôs-se a pensar, quando estava deitado na cama sobre o que tinha ouvido no parque e pensou:

- Amanhã vou pedir um papel e uma caneta ao Sr. Rui.

O Sr. Rui era o seu vizinho muito amigo, e que o ajudava em tudo o que podia.

No dia seguinte, o menino João foi a casa do Sr. Rui pedir um papel e uma caneta. Depois ele correu para uma mesa do parque, escreveu o seu maior desejo de Natal no papel, dobrou-o e colocou-o no buraco da árvore.

No dia seguinte, o menino João foi até ao parque, e quando espreitou para dentro do buraco da árvore ele viu que